

COMÉRCIO INTRA-MERCOSUL DE FRANGOS: INTENSIDADE, ORIENTAÇÃO REGIONAL E VANTAGENS COMPARATIVAS

Thelmo Vergara Martins Costa¹
Paulo D. Waquil²

SINOPSE

Este artigo discute os efeitos da formação do Mercosul sobre as exportações brasileiras de carne de frangos no contexto de globalização de mercados e de formação de blocos regionais. Aborda aspectos da competitividade da avicultura brasileira no Mercosul e no mercado internacional; analisa a intensidade e a orientação do comércio de frangos ocorrida em função do mercado comum, assim como as vantagens comparativas reveladas, investigando se o processo de integração induziu à criação ou desvio de comércio de frangos.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, importantes modificações na economia mundial, tais como a globalização de mercados, os avanços tecnológicos e os novos fatores de competitividade, têm induzido o comércio internacional a passar por profundas transformações estruturais. Nesse contexto, observa-se que a abertura das economias nacionais e o direcionamento das diversas nações à formação de blocos regionais têm resultado na intensificação dos fluxos comerciais e gerado efeitos sobre os diversos setores das economias domésticas.

Entretanto, apesar da ótica de liberalização de mercados embutida no processo de globalização, ainda se observam práticas de protecionismo de mercados, efetuadas, em geral, por países desenvolvidos. No caso dos produtos agropecuários, destacam-se os subsídios à produção primária, as barreiras às importações e o estímulo às exportações.

¹ Mestre em Economia Rural pela Ufrgs, professor da Faculdade de Economia e Administração e pesquisador da Universidade de Passo Fundo.

² Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs).

Teor. Evid. Econ.	Passo Fundo	v. 7	n. 12	p. 9-35	maio 1999
-------------------	-------------	------	-------	---------	-----------

A recente proliferação de acordos de integração regional entre os países tem suscitado uma série de questionamentos e preocupações. Em primeiro lugar, há o receio de que o novo regionalismo possa desviar o rumo das negociações multilaterais ocorridas no âmbito do Gatt (hoje sucedido pela OMC), empenhadas em reduzir as barreiras ao mercado internacional desde 1947. Em segundo lugar, questiona-se se alguns acordos regionais podem criar barreiras comerciais contra os produtos de países não-membros, o que poderia acarretar sérios prejuízos ao sucesso do Gatt. Em terceiro lugar, é reconhecido que as barreiras discriminatórias incorporadas dentro dos acordos regionais podem ter efeitos contrários se proporcionarem vendas intrabloco de certos produtos em razão do deslocamento de produtos produzidos de forma mais eficiente por terceiros mercados, o que caracterizaria um desvio de comércio.

No caso do Mercosul, o acordo busca o estabelecimento de um mercado único, com base na livre-circulação de bens e serviços, no estabelecimento de tarifas externas comuns, na coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais e na harmonização de legislações, visando fortalecer o processo de integração. Em 1996, o Chile e a Bolívia aderiram ao bloco e, atualmente, gestiona-se a inclusão da Venezuela. Em virtude da ampliação do Mercosul, da possível formação da Alca e do processo de globalização e regionalização da economia mundial, há uma demanda por estudos que avaliem os efeitos desses processos sobre as cadeias de produção agropecuárias nos países formadores do bloco. Segundo Waquil (1997), são necessários estudos que analisem os impactos da liberalização do comércio entre um grupo de nações sobre os níveis de produção, processamento e consumo, sobre os fluxos de comercialização, sobre os preços e sobre os níveis de bem-estar dos agentes envolvidos.

O setor agropecuário apresenta-se como um dos mais sensíveis ao processo de integração regional. Por suas características, tais como dificuldade do uso alternativo do solo, irregularidade na oferta em razão de fatores climáticos e necessidade de maior tempo para que sejam implementadas mudanças estruturais de produção e comercialização, o setor necessita ser objeto de investigação a fim de que se possam identificar quais são as cadeias produtivas sensíveis ou não à integração, ou, ainda, identificar quais são os benefícios da integração sobre o desempenho de determinada cadeia produtiva e como esses são distribuídos entre seus agentes.

O presente artigo pretende investigar quais são os efeitos da formação do Mercosul sobre o desempenho das exportações brasileiras de frango. Nesse sentido, a análise busca identificar os fatores determinantes do incremento das vendas intrabloco de frangos. Pretende-se, com isso, quantificar a intensidade de comércio e a orientação regional do mercado de frango ocorrida com a implementação do Mercosul e se essa

intensidade ocorreu em função de vantagens comparativas da produção brasileira de frangos.

As exportações brasileiras de frangos como objeto de estudo justificam-se pelas características da produção avícola, pela importância do setor na balança comercial brasileira e pela possibilidade de incorporação de inovações tecnológicas permitida pelo intercâmbio comercial em nível mundial. Apesar de a participação do Mercosul como destino das exportações brasileiras ainda ser pequena, representando apenas 7% do destino das vendas brasileiras, este trabalho analisa a orientação regional das exportações a fim de verificar os efeitos da integração regional sobre as vendas intrabloco e comparar o mercado intra-Mercosul com o desempenho do Brasil no mercado internacional.

2 O MERCOSUL E A COMPETITIVIDADE DA AVICULTURA BRASILEIRA

A competitividade é consequência da conjugação das vantagens comparativas e competitivas, sendo as primeiras originadas da dotação dos recursos naturais e especialização do trabalho, ao passo que as segundas advêm da eficiência organizacional e do ambiente econômico. Nesses termos, no caso específico da produção de frango, o Brasil apresenta vantagens competitivas sobre os demais parceiros do Mercosul, apesar de a Argentina apresentar vantagens comparativas na produção de grãos, notadamente do milho, principal insumo utilizado na formulação de rações. Estudos comparativos entre os sistemas produtivos do Brasil e de outros países integrantes do Mercosul apontam para vantagens competitivas a favor da avicultura nacional, ainda que a Argentina possua vantagens comparativas no sentido de produzir insumos (milho e soja) a custos menores.

Em geral, os estudos que abordam custos de produção de aves enfocam segmentos da cadeia e estão inseridos em trabalhos relativos à competitividade do setor avícola frente aos demais países constituintes do Mercosul. O fato de a avicultura brasileira ter sofrido um processo mais intensivo de incorporação tecnológica proporcionou uma queda nos custos de produção, o que acarretou vantagens competitivas frente à Argentina (Ipardes, 1992). Ainda, segundo os autores, na Argentina, a incidência de impostos sobre os custos de produção é superior à observada no Brasil. Neste trabalho, os autores estimaram um custo total de produção de uma tonelada de frango, no Paraná, em US\$ 628,10 e, em Santa Catarina, em US\$ 665,34; na Argentina, o custo total foi estimado em US\$ 768,51 /t. Os autores identificaram a ração como componente principal na composição do custo total de produção, sendo de 75,93%, 79,56% e 58,67%, respectivamente, a participação da ração nos custos de Paraná, Santa Catarina e Argentina.

Para Iparides(1992), a incidência de impostos sobre os custos de produção na Argentina é bem superior à constatada no Brasil. Porém, para os autores, esse não é o componente de custo mais importante quanto à competitividade, mas, sim, o nível tecnológico incorporado à produção. Entretanto, para Garcia (1993), apesar dos avanços tecnológicos na criação de aves no Brasil, a grande vantagem da Argentina decorre dos baixos custos comparativos dos insumos utilizados na produção, ou seja, a produção de milho e soja ocorre com preços relativamente menores que os brasileiros. Embora a Argentina apresente menores custos na produção de grãos, a produção avícola daquele país é pouco desenvolvida e sua produção não é suficiente para abastecer o mercado interno, além de, no curto prazo, sua exportação ser dificultada pelo maior tamanho e coloração do frango argentino. Além disso, a atualização tecnológica tem sido outro fator a agravar a situação da atividade naquele país (Canever, 1996).

A avicultura, entretanto, é uma atividade dinâmica, que rapidamente se adapta a novas situações. As empresas avícolas argentinas estão investindo na produção, importando equipamentos, conhecimentos e mão-de-obra qualificada, o que poderá levar o país à auto-suficiência e qualificá-lo a ingressar de forma competitiva no segmento de exportações.

3 A CADEIA DE PRODUÇÃO DE AVES E O MERCADO INTERNACIONAL

A avicultura brasileira voltada para as exportações iniciou-se a partir da década de 1970, quando o setor - acompanhando o processo de modernização da agricultura - modificou sua base de produção, passando de uma atividade tipicamente colonial “do tipo de subsistência” para uma atividade do tipo “empresarial”, através da implantação de grandes empresas, as quais se localizaram sobretudo na região Sul. Durante as décadas de 1970 e 1980, mudanças importantes ocorreram nos aspectos tecnológicos, produtivos e operacionais da produção de aves. Como reflexo dessa modernização, a produção avícola nacional expandiu-se a taxas elevadas, incrementando a produção para o mercado interno e tornando o Brasil um dos maiores exportadores de aves. Na década de 1980, os esforços tecnológicos implicaram a capacidade de absorver inovações biotecnológicas, a integração vertical e a diferenciação do produto (Campos, 1995).

A criação de aves em nível comercial é uma atividade recente na região Sul, tendo adquirido forte movimento de expansão a partir da década de 1970, processo que pode ser evidenciado pela produtividade da avicultura, medida pela conversão alimentar. Em 1980, eram necessários três quilos de ração para produzir um quilo de carne; já, em 1990, eram necessários dois quilos de ração. Esse é um dos aspectos

responsáveis pelo crescimento do consumo *per capita* de frangos, que passou de 8,9 kg em 1980 para 15 kg em 1991(Mior,1982).

A partir da década de 1970, observou-se a substituição da avicultura baseada nas criações domésticas ocorridas em pequenas propriedades coloniais pela avicultura industrial. O desenvolvimento de novos produtos e a tendência crescente de se realizar refeições feitas fora de casa foram acompanhados por uma maior aceitação do produto pelos consumidores. Por outro lado, a sofisticação nos cortes de carnes e o desenvolvimento de novos produtos (defumados, cozidos e embutidos) demandaram, por parte das indústrias, espaços e equipamentos mais adequados. Além disso, as empresas do setor implementaram modernas tecnologias e capacitaram a mão-de-obra na produção de cortes anatômicos. Com relação à mão-de-obra, Jank (1997) salienta que um dos ativos mais específicos do processo de produção de carne avícola é a mão-de-obra industrial, que tem de ser muito qualificada e especializada no que se refere ao corte, calibragem e higiene perfeita do produto.

A região Sul, formada pelos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, destaca-se na produção de carnes, tanto pelo volume como pelos processos tecnológicos, administrativos e comerciais envolvidos na produção, processamento e distribuição de carnes. O estado de Santa Catarina apresenta-se como o maior produtor nacional de frango, tanto em volume de abate como na produção, além de apresentar-se como o maior produtor nacional de suínos. O Rio Grande do Sul detém o quarto lugar em relação ao volume total de aves abatidas, perdendo para Santa Catarina, São Paulo e Paraná, porém ocupa o segundo lugar em relação ao volume total de carne produzida; o estado destaca-se na produção de suínos, apresentando-se como o segundo maior produtor nacional. O Paraná, assim como o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, destaca-se na produção de carnes, sendo o terceiro maior produtor nacional de frango e de suínos.

A produção de aves no Sul do Brasil ocorre principalmente em pequenas propriedades. Conforme o Censo Agropecuário de 1995, 83,10% do efetivo de aves do Rio Grande do Sul encontram-se em propriedades com menos de 50 hectares. Em Santa Catarina e no Paraná, esse percentual é de 82% e de 76,3%, respectivamente(Fibge, 1995).

Em relação à produção comercial de frangos de corte, essa é realizada, predominantemente, através de sistemas integrados, os quais vinculam o produtor à agroindústria processadora por meio de contratos que variam conforme o tipo de integração. Nesse processo, o produtor responsabiliza-se pela criação do frango e pelo fornecimento de equipamentos e instalações, ao passo que a agroindústria situa-se tanto a montante da

produção primária, pelo fornecimento de insumos (rações e medicamentos) e pela prestação de assistência técnica, como a jusante, processando a matéria-prima. A integração vertical contribuiu para o desenvolvimento da indústria avícola na região Sul, uma vez que proporcionou a rápida adoção de tecnologia melhorada, o financiamento de produção, a obtenção de economias de escala, a otimização de recursos e equipamentos e a redução de custos e diminuição de riscos na atividade.

Entre as críticas apontadas sobre o sistema, uma é de que as integrações tornam os produtores excessivamente dependentes da indústria (quase meros assalariados). No entanto, é preciso considerar que a maioria dos contratados é constituída por micro e pequenos produtores, cujo custo de oportunidade em outras atividades é muito reduzido. Com a avicultura, tais produtores ganharam escala, eficiência econômica e inserção no mercado consumidor, o que, no geral, representa sensível melhoria socioeconômica em face da realidade de quase (ou completa) subsistência em que viviam anteriormente (Jank, 1997). Com isso, o frango tornou-se competitivo no mercado de carnes. De fato, além de o consumo interno de carne de frango ter aumentado nas últimas décadas, o Brasil situa-se entre os maiores exportadores de aves do mundo.

Tradicionalmente, o Brasil exporta cerca de 14% de sua produção de frangos. O *mix* das exportações brasileiras de frango situa-se em 52% para o frango inteiro e 48% para os cortes de frangos. Os maiores importadores de frango inteiros são: Arábia Saudita, Kuwait, Argentina, Emirados Árabes, Rússia e Cingapura; já as partes de frango têm como principais importadores o Japão, Hong Kong, Alemanha, Espanha e Cingapura. Contudo, o frango brasileiro tem enfrentado diversas barreiras protecionistas em importantes mercados (Abef, 1997).

O mercado argentino é o terceiro principal destino das exportações brasileiras de frango inteiro. Entretanto, observam-se significativos avanços na avicultura argentina, sobretudo após os primeiros anos de vigência do Mercosul. Atualmente, o país apresenta-se na nona colocação entre os principais destinos das exportações brasileiras de frango em corte. Segundo Canever et al. (1996), na Argentina, a avicultura ocupa o segundo lugar na produção de carnes, sendo superada apenas pela produção bovina. Atualmente, o Brasil tem suprido a totalidade da demanda importadora de carne de frango daquele país.

Segundo avaliação da Abef, nas relações comerciais entre os dois países após a implementação do Mercosul, a Argentina passou de um esporádico consumidor sazonal para um efetivo comprador do produto brasileiro, sendo a maioria de suas importações de frango inteiro. Em 1996, o país importou 27,5 mil toneladas de carne de frango, sendo 21,4 mil toneladas de produto inteiro e 6,1 mil toneladas de cortes (Abef,

1997). Segundo Jank (1997), o mercado argentino ganhou grande importância nas exportações brasileiras de frangos, em vista do ajuste econômico do Plano Cavallo. Os argentinos preferem consumir frango maior (acima de 2 kg) e com pele amarelada, o que é obtido pela adição de betacaroteno na ração das aves e retardamento da idade de abate. Esse é um exemplo de rápida adaptação do produto ao paladar e aos hábitos de consumo particulares do mercado argentino, o que só pôde ser obtido com a total coordenação da cadeia produtiva.

4 MATERIAL E MÉTODOS

Esta seção trata da metodologia utilizada para a realização da análise da intensidade de comércio no mercado de frangos frente a formação do Mercosul, a qual está baseada no trabalho de Yeats (1997). Essa metodologia focaliza a análise do comércio intra-regional do ponto de vista das exportações, ao contrário de outras, que se baseiam no comportamento das importações. Assim, optou-se pelo método proposto por Yeats (1997) uma vez que o objetivo do presente trabalho é de investigar os efeitos do Mercosul sobre o comportamento das exportações brasileiras de frango.

Apesar da importância dessa metodologia para a identificação da intensidade de comércio e dos fluxos intra-regionais do comércio, ela não permite identificar os efeitos da criação de comércio sobre a cadeia de produção e os demais setores das economias dos países-membros, isto é, não identifica quais são as relações intersetoriais insumo-produto relevantes que se estabelecem com o comércio inter-regional. Essa é uma das limitações do método, que, contudo, não compromete a análise dos resultados em vista do objetivo do trabalho.

A fim de examinar os efeitos estáticos dos acordos regionais, o autor avalia as trocas na orientação regional, através dos índices de Intensidade de Comércio (I) e de Orientação Regional (Rj), e demonstra como essas informações podem ser empregadas, juntamente com o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (RCA), para determinar mudanças na direção de mercado e analisar potenciais ineficiências no mercado. Yeats aplica essa metodologia na análise das exportações dos países do Mercosul visando determinar se o comércio recente está se desenvolvendo sobre linhas compatíveis com as vantagens comparativas.

Neste trabalho, serão utilizados esses três índices para a determinação da intensidade e da orientação do mercado de carne de frango ocorridas com a implementação do Mercosul e se essa intensidade ocorreu em função das vantagens comparativas da produção brasileira de frangos. Nesse caso, a análise está concentrada no fluxo comer-

cial ocorrido entre o Brasil e a Argentina, por ser essa o principal mercado do frango brasileiro no Mercosul. Além da Argentina, o Paraguai também foi incluído na análise uma vez que é o segundo parceiro do bloco em importância no mercado de frangos. Já o mercado do Uruguai ainda não é representativo para as exportações brasileiras de frango, fato que limitou o estudo apenas aos mercados argentino e paraguaio.

4.1 Índice de Intensidade de Comércio

O Índice de Intensidade de Comércio (I_{ij}) é definido pela razão entre as exportações do país i para o país j e as exportações totais do país i sobre a razão das importações totais de país j e as importações mundiais, a saber:

$$I_{ij} = (X_{ij} / X_i) / (M_j / M_{wj})$$

onde:

I_{ij} = Índice de Intensidade de Comércio do país i para o país j ;

X_{ij} = exportações do país i para o país j ;

X_i = exportações totais do país i ;

M_j = importações do país j ;

M_{wj} = importações totais mundiais.

O Índice de Intensidade de Comércio pode fornecer *insights* adicionais sobre a natureza e a importância das trocas nos fluxos bilaterais de comércio, como os que ocorrem no Mercosul. A intensidade de comércio refere-se à tendência de dois países comercializarem mais ou menos entre eles, com base em fatores tais como sua importância global nas exportações ou importações mundiais. Essa medida tem sido usada desde 1940 em inúmeras análises sobre a direção e o nível de comércio.

Especificamente, esse índice pode mostrar a relativa importância sobre as trocas no comércio entre os países-membros em relação a suas participações no comércio global. Quando computada para um único ponto no tempo, a medida apresenta limitações, entretanto a análise das variações nesse índice em maiores períodos de tempo pode mostrar se dois países têm experimentado um acréscimo ou decréscimo na tendência para o comércio entre si. No caso do Mercosul, a magnitude para mudanças no índice pode fornecer um critério útil para a avaliação da importância da expansão do comércio intrabloco (Yeats, 1997).

No presente trabalho, para a avaliação da tendência da ocorrência de um acréscimo ou decréscimo de comércio de aves entre o Brasil e os demais parceiros, utilizou-se uma série histórica de dados referentes ao período transcorrido entre 1985 e 1997.

Assim, pode-se avaliar o comportamento do comércio intrabloco de frangos em três distintos períodos, a saber: antes da implementação do bloco, durante a implementação e no período atual.

A questão-chave a ser respondida é se as mudanças na intensidade de comércio são decorrentes de uma maior eficiência produtiva ou da verdadeira vantagem comparativa. Segundo o autor, uma abordagem comum tem considerado os efeitos dos acordos regionais levando em consideração as mudanças nas importações. Essa metodologia é útil, mas falha ao enfocar temas como a eficiência da produção. Assim, Yeats propõe novas medidas para suplementar tal análise do ponto de vista baseado nas exportações.

Especificamente, o autor questiona se as trocas no comércio consistem com as vantagens comparativas correntes para os países-membros e se o acréscimo do comércio intra-Mercosul evidencia-se na habilidade para competir nos mercados onde os países teriam proteção pelos acordos de comércio preferencial. Uma maneira de responder a essas questões seria determinar se o Mercosul também é eficiente para exportações crescentes e firmes nos mercados de terceiros países. Em outros lugares do mundo, a troca de mercadorias encontra-se como teste de *marketplace*. Os índices para avaliar essa questão incluem medidas sobre a performance do mercado global e orientação de comércio e estão baseados no fator (trabalho, capital) intensivo para diferentes produtos.

4.2 Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frango

A primeira das medidas usadas nesse contexto é o Índice de Orientação Regional (R_j) para as exportações do bloco econômico para o produto j , sendo definido como:

$$R_j = ((X_{rj}, X_{tr}) / (X_{oj}, X_{to})) \cdot 100$$

onde:

R_j = Índice de Orientação Regional do produto j ;

X_{rj} = valor das exportações do produto j no comércio intrazona;

X_{tr} = valor das exportações totais no comércio intrazona;

X_{oj} = valor das exportações do produto j no comércio extrazona;

X_{to} = valor das exportações totais no comércio extrazona.

Esse índice mostra a razão entre a parcela da produção destinada às exportações para a região sobre a parcela da produção destinada às exportações para terceiros países; já valores maiores que um indicam uma tendência à exportação no mercado

regional. O autor chama a atenção para o fato de existir a possibilidade de as exportações para terceiros mercados (principalmente no caso de produtos agrícolas) serem intensamente restringidas em função de altas medidas tarifárias e não tarifárias. Nesses casos, os valores do índice podem aumentar em razão dessas restrições e não de tratamento tarifário favorável entre os países-membros no mercado intrabloco. Isso também é possível em virtude da expansão da demanda e do aumento desproporcional na habilidade de serem produzidos alguns bens no mercado intra-Mercosul, isso como resultado da liberalização.

4.3 Índice da Vantagem Comparativa Revelada das exportações brasileiras de frango

Em adição ao Índice de Orientação Regional, um segundo índice que reflete as vantagens comparativas reveladas pode também ser calculado para cada país do acordo regional e para cada produto. A medida (C_j) é definida como:

$$C_j = (X_{oj} / X_{to}) / (X_{wj}^* / X_w^*) \cdot 100$$

onde:

C_j = Índice da Vantagem Comparativa Revelada;

X_{oj} = valor das exportações do produto j no comércio extrazona;

X_{to} = valor das exportações totais no comércio extrazona;

X_{wj}^* = valor das exportações totais mundiais do produto j excluídas as exportações intrazona;

X_w^* = valor das exportações totais mundiais excluído o comércio intrazona.

Nesse caso, o mercado regional é excluído para melhor acurar a capacidade dos membros do Mercosul de competir igualmente nos mercados em que os acordos discriminatórios de comércio não forneçam uma artificial proteção. Como tal, comparações diretas entre os dois índices fornecem uma indicação sobre se o alcance das distorções nas exportações entre os países é consistente com suas vantagens comparativas. Embora os índices não possam medir a diversidade da direção das importações, fornecem informações que permitem inferir se o adicional de comércio no Mercosul ocorreu principalmente nos produtos com os quais os países do bloco podem competir em terceiros mercados. Em caso contrário, eles sugerem que esse adicional de comércio no Mercosul ocorreu pela substituição de ofertas mais eficientes.

Na presente análise, em razão da dificuldade para a obtenção de dados específicos sobre as exportações de frangos por destino dos diversos países do bloco, optou-se por

uma adaptação desses dois índices, utilizando-se apenas as exportações brasileiras de frango, o que resultou no Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frango e no Índice da Vantagem Comparativa Revelada das exportações brasileiras de frango. Também se utilizou uma série histórica de dados referentes ao período transcorrido entre 1985 e 1997.

Neste trabalho, foram utilizadas as seguintes fontes de dados: Secretaria de Comércio Exterior - Secex; Associação Brasileira dos Exportadores de Frango - Abef; Food and Agriculture Organization of the United Nations-FAO; World Agricultural Information Centre (Faostat Agriculture Data); Confederação Nacional de Comércio, Funcex e Ministério das Relações Exteriores; Fundo Monetário Internacional - FMI, Direction of Trade Statistics Yearbook .

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 Índice de Intensidade de Comércio de frangos

Esta seção trata da análise dos resultados de pesquisa. Primeiramente, analisa-se o comportamento dos Índices de Intensidade de Comércio entre Brasil-Argentina e Brasil-Paraguai. A seguir, analisa-se o comportamento do Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frango e do Índice das Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frango.

5.1.1 Índice de Intensidade de Comércio de frangos Brasil-Argentina

O Índice de Intensidade de Comércio de frangos entre o Brasil e a Argentina apresenta-se, no contexto deste trabalho, como a primeira medida para a análise dos efeitos da formação do Mercosul sobre as exportações brasileiras de aves. A performance do índice observada ao longo do período de análise fornece alguns indicativos sobre o comportamento do mercado de frangos ocorrido entre os dois países, a saber:

1. No período pré-integração, compreendido entre 1985 e 1990, os valores observados confirmaram o fato de que a Argentina apresentava-se como um esporádico importador do produto brasileiro. Considerando-se apenas os anos em que ocorreu o comércio de frango entre os dois países, ou seja, 1986 e 1989, e focalizando-se a atenção apenas nos valores das importações argentinas do produto brasileiro, pode-se, erroneamente, concluir que ocorreu uma queda na intensidade de comércio entre os dois países, dado que o valor das importações argentinas do frango brasileiro reduziu-

se de US\$ 4,4 milhões em 1986 para US\$ 1,7 milhão em 1989. Por outro lado, os dados de pesquisa demonstram que, nesses anos, o índice de intensidade apresentou valores superiores à unidade, sendo de 3,05 e 10,06, respectivamente, isto é, observou-se um acréscimo na intensidade de comércio.

Tabela 1 - Evolução do Índice de Intensidade de Comércio de frangos Brasil - Argentina: 1985 a 1997

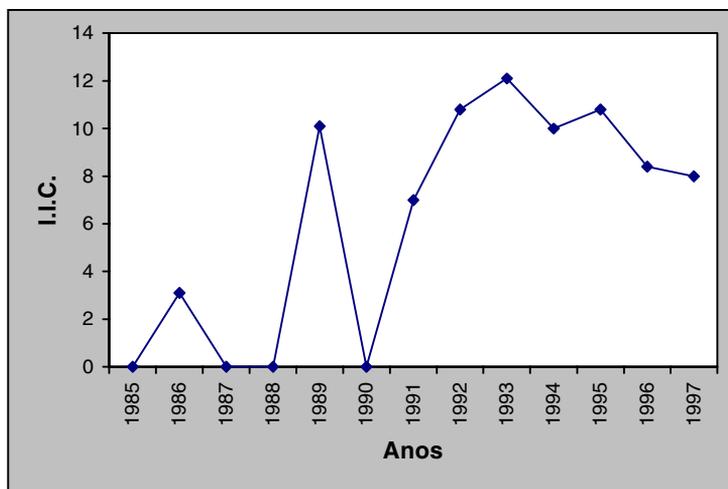
Ano	Exportações de frango do Brasil para a Argentina	Exportações totais de frango do Brasil	Importações totais de frango da Argentina	Importações totais mundiais de frango	Índice de Intensidade de Comércio
	Em mil US\$	Em mil US\$	Em mil US\$	Em mil US\$	
1985	-	238 570	1 223	2 029 528	0
1986	4 405	220 306	17 446	2 663 203	3,05
1987	-	212 971	17 335	3 133 909	0
1988	-	224 636	780	3 477 601	0
1989	1786	263 065	2 584	3 829 921	10,06
1990	-	319 765	1 816	4 916 401	0
1991	2 325	392 859	4 632	5 510 345	7,04
1992	34 249	430 110	46 194	6 271 793	10,81
1993	53 956	478 815	55 546	5 947 976	12,06
1994	50 999	588 407	63 513	7 321 913	9,99
1995	25 158	633 515	31 867	8 634 084	10,75
1996	36 138	840 190	44 064	8 599 004	8,39
1997	51 921	875 839	59 959	8 065 381	97

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 1 apresenta os valores dos índices de intensidade de comércio e as demais informações necessárias para o cálculo desses. Conforme os dados, observa-se que em 1989 ocorreu uma intensidade de comércio 230% superior à observada em 1986. Considerando as variáveis que compõem o índice, pode-se inferir que esse comportamento deve-se ao fato de ter ocorrido uma redução na demanda importadora argentina superior aos acréscimos observados na demanda importadora mundial e nos acréscimos das exportações brasileiras totais de frango. Enquanto o valor das importações totais argentinas reduziu-se em 85%, passando de US\$ 17,4 milhões para US\$ 2,58 milhões, as importações mundiais cresceram 44%, passando de US\$ 2,6 bilhões para US\$ 3,8 bilhões. Por sua vez, as exportações brasileiras totais de frango cresceram 19,4%, passando de US\$ 220,3 milhões em 1986 para US\$ 263,06 em 1989.

Na comparação entre os dois anos, ocorreu, entretanto, uma maior participação do frango brasileiro no mercado argentino, cujo *market-share* passou de 25,2% em 1986 para 69,3% em 1989. Isso quer dizer que a redução da parcela das importações argentinas sobre as importações totais mundiais foi mais intensa do que a redução da parcela das exportações brasileiras destinadas à Argentina sobre as exportações totais brasileiras, fato que induziu a um acréscimo na intensidade de comércio de frango em 1989 em relação a 1986. Com exceção desses dois anos, o índice de intensidade assumiu o valor zero, indicando que, antes da formação do bloco, Brasil e Argentina apresentavam baixa tendência ao comércio bilateral de frango em relação a suas participações no comércio mundial.

2. No período pós-integração, compreendido entre 1991 e 1997, observaram-se significativas mudanças no comportamento do Índice de Intensidade de Comércio. Na análise do índice, importantes pontos podem ser evidenciados. Em primeiro lugar, observa-se que, após a implementação do Mercosul, o comércio de frangos entre os dois países deixou de se apresentar de forma esporádica e sazonal, passando a assumir um caráter firme e contínuo, conforme demonstra o Gráfico 1.



Fonte: Tabela 1.

Gráfico 1 - Índice de Intensidade de Comércio Brasil-Argentina.

Em segundo lugar, o comércio de frangos entre o Brasil e a Argentina apresentou-se de forma mais intensa ao longo dos três primeiros anos do acordo (1991 a 1993). A implementação do Plano Cavallo e o conseqüente aumento de renda da população argentina obtido via redução da inflação proporcionaram um incremento no consumo interno de alimentos protéicos, entre eles o frango. O consumo argentino *per capita* de frango passou de 18,4 kg/ano em 1991 para 21,1 kg/ano em 1994.

O aumento da demanda e a abertura da economia argentina estimularam um fluxo intenso de comércio de frango brasileiro entre os dois países nos primeiros anos de vigência do Mercosul. De fato, os resultados de pesquisa demonstram que o Índice de Intensidade de Comércio evoluiu de 7,04 em 1991 para um pico de 12,06 em 1993, ou seja, sofreu uma variação de 73,1% no seu valor.

Em terceiro lugar, após os três primeiros anos da formação do bloco, tem ocorrido uma desaceleração no ritmo de intensidade de comércio entre os dois parceiros. Após atingir o pico de 12,06 pontos em 1993, o índice vem se reduzindo paulatinamente nos últimos anos, até atingir a marca de 7,9 pontos em 1997, o que representa uma queda de 35% no valor em relação a 1993. Isto é, a atual tendência para o comércio bilateral de frangos apresenta-se 35% inferior à observada no terceiro ano de vigência do acordo, comportamento que pode ser explicado pelos seguintes fatos:

1. O incremento da demanda interna argentina e a forte presença do produto brasileiro no mercado portenho induziram a uma reorientação dos processos tecnológicos ao longo da cadeia de produção de frangos argentina. Quanto à produção da matéria-prima, a avicultura argentina tem experimentado importantes ganhos de produtividade, evidenciados pela melhoria de seus coeficientes técnicos, tais como a conversão alimentar, o índice de mortalidade e o ganho de peso. Quanto à indústria, observa-se um processo de incorporação tecnológica por parte de muitos frigoríficos, que passaram a utilizar meios automáticos de processamento. Até 1992, a operação manual impossibilitava o processamento superior a 4 200 frangos por hora; atualmente, após a implementação de linhas de evisceração, pesagem e classificação automáticas, a capacidade de processamento dos frigoríficos argentinos passou de 4 200 frangos/hora para 8 mil frangos/hora.
2. A implantação do Plano Real a partir de 1994 resultou num forte incremento ao consumo brasileiro de frangos. De fato, em razão de seu menor custo de produção, em comparação ao de outras carnes, o frango passou a ser preferido pela população de menor poder aquisitivo. Graças à estabilização da moeda, essa experimentou um incremento de sua renda, deslocando parte do consu-

mo de alimentos energéticos para os protéicos. Tal fato levou a carne de frango a tornar-se um dos *símbolos do Plano Real*. Diante disso, as empresas brasileiras direcionaram-se mais fortemente para o mercado interno, fato que reduziu o ritmo das exportações brasileiras para a Argentina.

5.1.2 Índice de Intensidade de Comércio de frangos Brasil-Paraguai

A análise do Índice de Intensidade de Comércio de frangos entre o Brasil e o Paraguai foi prejudicada em virtude da inconsistência dos dados sobre as importações totais de aves desse país. Na maioria dos anos que compõem a série histórica, os dados referentes às exportações brasileiras de frango para aquele país foram superiores aos dados sobre importações totais do Paraguai. Yeats (1997), ao analisar a intensidade de comércio dos países do Mercosul, já ressaltava o problema da falta de confiabilidade dos dados de comércio exterior do Paraguai. Apesar disso, optamos por calcular o índice nos anos em que os dados apresentaram consistência. Pela performance do índice observada entre os anos de 1987, 1994 e 1997, pode-se inferir que há a tendência de um comércio de frango relativamente intenso entre os dois países. Entretanto, na análise do valor das exportações brasileiras de frango para o Paraguai, observa-se que elas apresentaram maiores valores, no período inicial da formação do Mercosul, ou seja, entre 1991 e 1993.

Enfim, os resultados da pesquisa demonstraram que, após a implementação do Mercosul, mais precisamente na sua fase inicial, caracterizada pela formação de uma zona de livre-comércio, ocorreu uma forte intensificação no comércio de frangos brasileiros, especialmente com a Argentina, principal importador. Com relação ao Paraguai, a análise ficou restrita a um menor período de tempo, porém os resultados sugerem haver a tendência de um comércio de frango relativamente intenso entre os dois países. A exceção ficou por conta do Uruguai, em cujo mercado o frango brasileiro apenas recentemente está penetrando; em 1996, o Brasil exportou 18 mil toneladas de cortes de frango para esse país.

A questão-chave a ser respondida é se esse aumento na tendência do comércio intrabloco de frangos deve-se realmente à melhor eficiência produtiva e às vantagens comparativas brasileiras na produção de frangos. Para tanto, devem-se analisar os resultados obtidos para o Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frangos e compará-los com os resultados obtidos para o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frangos.

5.2 Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frangos

O Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frangos mostra a razão da parcela da produção brasileira destinada ao Mercosul sobre a parcela da produção destinada a terceiros mercados. Esse índice mede a tendência à orientação geográfica de mercado de frangos para a região. Os resultados da pesquisa demonstram que o produto experimentou uma forte reorientação de mercado em direção ao Mercosul. A Tabela 2 fornece os dados referentes às mudanças no comportamento do intramercado de frangos e seus respectivos índices.

Tabela 2 - Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frango e valor das exportações brasileiras de frango no comércio intrazona

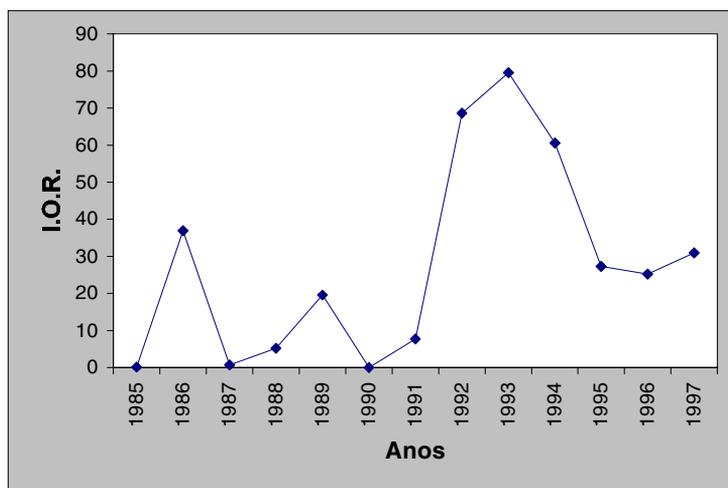
Ano	Argentina	Paraguai	Uruguai	Exportações intra-zona	Índice de Orientação Regional
	Em mil US\$	Em mil US\$	Em mil US\$	Em mil US\$	
1985	-	15	-	15	0,15
1986	4 405	-	-	4 405	36,93
1987	-	84	-	84	0,70
1988	-	592	-	592	5,17
1989	1 786	349	-	2 135	19,57
1990	-	-	-	-	0,00
1991	2 325	47	-	2 372	7,73
1992	34 249	1 003	-	35 252	68,65
1993	53 956	870	-	54 826	79,54
1994	50 999	177	-	51 176	60,53
1995	25 158	132	-	25 290	27,26
1996	36 138	422	18	36 578	25,18
1997	51 921	461	-	52 382	30,91

Fonte: Dados de pesquisa.

As principais implicações dessas mudanças são:

1. no período pré-integração, o comportamento do índice demonstra que não havia, ainda, a tendência de as exportações brasileiras de frangos orientarem-se em direção ao mercado intrabloco. No entanto, em alguns anos, observa-se que ocorreu um direcionamento das exportações para esse mercado. O Gráfico 2 demonstra o comportamento do índice ao longo do período de análise;
2. nos primeiros anos do acordo, o produto experimentou uma forte reorientação de mercado em direção à região. Em 1991, o Índice de Orientação Regional apresentou o valor de 7,7 e, nos anos subsequentes, passou a assumir valores

- crecentes até atingir o pico de 79,5 pontos em 1993, ou seja, observou-se uma variação de 71,8 pontos no valor do índice. Isso quer dizer que ocorreu uma variação de 932% na tendência para a orientação regional das exportações brasileiras de frango durante o período inicial da formação do bloco. Diante dessa constatação, pode-se inferir que a abertura das economias dos países-membros pela eliminação das barreiras ao comércio induziu a uma maior intensidade de comércio, sendo uma das razões disso a reorientação regional das exportações brasileiras de frango em direção aos demais parceiros do Mercosul, notadamente a Argentina, isto é, a ocorrência de uma integração regional do tipo “superficial” parece ter influenciado sensivelmente o comércio intrabloco de frangos;
3. em períodos mais recentes, a medida que ocorre um aprofundamento no processo de formação do bloco, observa-se um recuo nos valores do índice. Após atingir o valor máximo em 1993, o índice apresentou um forte recuo ao longo do triênio 1994-1996, até atingir o valor de 30,9 pontos em 1997, ou seja, uma variação negativa de 61% na tendência para a orientação regional das exportações brasileiras de frango.



Fonte: Tabela 2.

Gráfico 2 - Índice de Orientação Regional das exportações brasileiras de frango.

Os valores crescentes do Índice de Orientação Regional, observados especialmente no início da constituição do bloco econômico, indicam uma grande tendência para a exportação no mercado regional. Essa orientação de mercado pode ser explicada por três possíveis causas. Em primeiro lugar, a orientação geográfica pode ter sido consequência de um tratamento tarifário favorável entre os países-membros no mercado intrabloco. Em contrapartida, os altos valores observados para o índice podem ter sido causados pela restrição das exportações para terceiros mercados ocorridas em razão de altas medidas tarifárias e não tarifárias. Por outro lado, a reorientação regional pode ter sido provocada também pela expansão da demanda e pelo aumento desproporcional na produção do bem no mercado intra-Mercosul ocorrido como resultado da liberalização.

A orientação geográfica do mercado é determinada por vários fatores, como as vantagens comparativas, os custos de transporte e barreiras ao comércio em mercados alternativos. A questão a ser respondida aqui é se essa orientação geográfica no mercado de frangos ocorreu por causa das vantagens comparativas brasileiras ou do tratamento diferenciado dado ao produto quando da constituição do bloco. Para tanto, deve-se comparar o valor do Índice de Orientação Regional com os valores obtidos para o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frango. A comparação direta entre esses dois índices fornece uma indicação sobre se o alcance das distorções nas exportações entre os países é consistente com suas vantagens comparativas.

5.3 Índice de Vantagens Comparativas reveladas das exportações brasileiras de frangos

Na análise do Índice de Vantagens Comparativas reveladas das exportações brasileiras de frango, o mercado regional é excluído para que se possa medir melhor a capacidade do Brasil de competir nos mercados nos quais os acordos discriminatórios de comércio não forneçam uma artificial proteção. A Tabela 3 mostra os valores obtidos para esse índice.

A primeira constatação que se pode fazer, analisando a Tabela 3 refere-se aos altos valores obtidos para o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frango. Isso quer dizer que a avicultura brasileira é altamente competitiva quando se trata de terceiros mercados, isto é, excluindo-se a atuação do Brasil no comércio intrabloco, os valores do índice indicam uma forte capacidade do frango brasileiro para competir nos mercados onde não se observa qualquer acordo de co-

mércio preferencial. De fato, o Brasil, ao incorporar o modelo de produção de frangos baseado na integração vertical e no elevado nível de organização, assumiu posição de destaque no mercado mundial de carne de frango.

Tabela 3 - Índice das Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frango

Ano	Exportações brasileiras de frango no comércio intrabloco	Exportações brasileiras de frango no comércio extrabloco	Índice das Vantagens Comparativas Reveladas
	Em mil US\$	Em mil US\$	
1985	15	238 555	938,59
1986	4 405	215 900	844,53
1987	84	212 887	724,56
1988	592	224 043	590,90
1989	2 135	260 929	668,41
1990	-	319 765	808,87
1991	2 372	390 486	938,57
1992	35 252	394 858	827,84
1993	54 826	423 989	793,52
1994	51 176	537 230	821,39
1995	25 290	608 225	860,28
1996	36 578	803 629	1 000,61
1997	52 382	823 456	1 072,84

Fonte: Dados de pesquisa

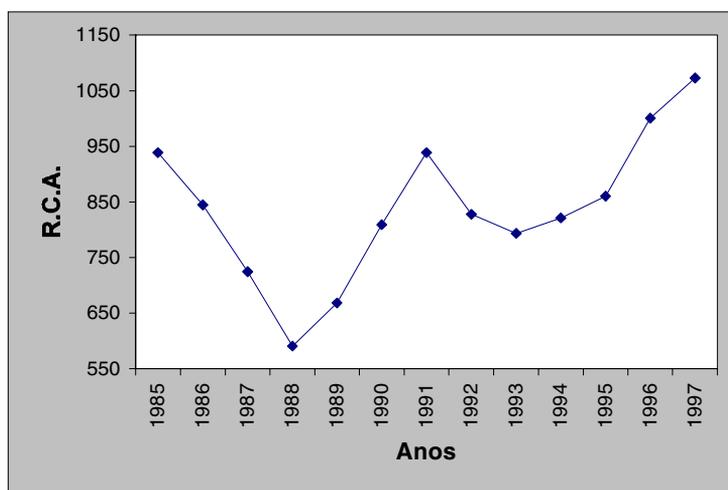
A dinâmica tecnológica das empresas líderes de carne de frango no Brasil está baseada na capacitação tecnológica, integração vertical e diferenciação de produtos. Na década de 1980, os esforços tecnológicos implicaram o desenvolvimento de capacitação para absorver inovações biotecnológicas na criação e no manejo de aves, bem como na competência para absorver inovações em processos e no desenvolvimento de novos produtos, formando um conjunto de competências caracterizado pela capacidade de controlar a absorção de inovações tecnológicas na obtenção de matéria-prima - capacidade de integrar - e pelos esforços tecnológicos para absorver inovações nas fases de processamento - capacidade para diferenciar (Campos, 1995).

A alta capacidade de coordenação da cadeia permitiu, nos últimos anos, ganhos significativos, tanto na genética e nutrição animal como nos aspectos de processamento e obtenção de novos produtos. Além disso, o Brasil apresenta vantagens comparativas em relação à produção de insumos (farelo de soja e milho) e ao custo da mão-de-obra, além de produzir uma carne com melhores características organolépticas, quan-

do comparada à produzida em outros mercados. Segundo a opinião de técnicos do Ministério da Agricultura, o frango brasileiro, por ser produzido à base de farelo de soja e milho, apresenta um melhor sabor do que o produzido na União Européia, cuja alimentação é baseada nas farinhas de peixe e de sangue.

Com isso, as empresas brasileiras capacitaram-se a competir em diferentes mercados-destino. Os frangos inteiros são direcionados principalmente para os países do Oriente Médio, ao passo que as partes de frango têm como principal mercado comprador os países do Sudeste Asiático. Trata-se de dois segmentos de mercado bastante distintos, com diferentes hábitos de compra: um voltado para o consumo de massa, especialmente para os países do Oriente Médio, e outro para o refinado e exigente mercado de partes do Sudeste Asiático, o qual é capitaneado pelas mudanças de padrão de consumo que ocorrem no Japão e nos Tigres Asiáticos.

O Gráfico 3 mostra o comportamento do índice ao longo do período de análise. No período pré-integração, observa-se uma sensível queda nos valores do índice, o que pode ter ocorrido por causa do direcionamento das empresas brasileiras para o mercado interno, dado o crescimento do mercado doméstico naquele período.



Fonte: Tabela 3.

Gráfico 3 - Índice das Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frangos.

Na comparação direta entre os Índices de Orientação Regional e das Vantagens Comparativas Reveladas, pode-se inferir que a orientação geográfica verificada após a formação do Mercosul foi acompanhada por fortes Índices de Vantagem Comparativa Revelada, indicando que as exportações entre os países-membros é consistente com suas vantagens comparativas. Isso permite inferir que o adicional de comércio de frangos no Mercosul ocorreu no produto com o qual o Brasil pode competir em terceiros mercados, ou seja, esse adicional de comércio dentro do Mercosul não ocorreu pela substituição de ofertas mais eficientes. Possivelmente em virtude das vantagens comparativas reveladas, o Brasil exporta mais para terceiros mercados, mais lucrativos, do que para os parceiros do bloco. Assim, mesmo com o aumento da orientação regional após a implantação do Mercosul, a intensidade de comércio tem diminuído um pouco nos últimos anos. Nesse caso, pode-se concluir que a constituição do bloco econômico apresentou como benefício a criação de comércio de frangos, principalmente quando da constituição da zona de livre-comércio.

A conclusão do presente trabalho diferencia-se das conclusões obtidas pelos Yeats (1997), para quem a formação do Mercosul afetou negativamente o padrão do comércio dos países-membros, levando ao desvio de comércio por alguns produtos, notadamente dos manufaturados.

Por outro lado, a hipótese de Yeats é contestada pelos trabalhos de Olarreaga e Soloaga (1997), que estudaram a formação endógena de tarifas no Mercosul. Segundo os autores, a taxa de integração ao mundo dos países-membros do Mercosul era dez vezes maior no período de 1991-1995 do que na década anterior. Além disso, os autores notaram que o crescimento da taxa de integração regional foi duas vezes maior que o da taxa de integração ao mundo. Segundo os autores, isso pode ser explicado pelo fato de os países-membros do Mercosul serem “parceiros naturais do comércio”.

Por sua vez, Bartholomew (1998) também concorda com a tese de criação do comércio pela integração. Estudando a economia argentina, o autor mostra que, no período de 1990-1995, as importações totais da Argentina, como proporção do PIB, que eram de 0,6% do Mercosul e 2,0% para o resto do mundo em 1990, passaram, em 1996, a corresponder a 2,0% do Mercosul e 6,0% para o resto do mundo. Isto é, as importações da Argentina provenientes do Mercosul e do resto do mundo cresceram a taxas semelhantes no período, o que seria praticamente incompatível com a hipótese do desvio de comércio.

Ferreira Filho (1998), estudando os impactos da integração econômica no Cone Sul sobre a agricultura brasileira, através da análise de equilíbrio geral, também concluiu que a integração regional no âmbito do Mercosul tem potencial de criação de

comércio, e não apenas de desvio do comércio. O autor mostra ainda a possibilidade de um forte efeito alocativo benéfico de integração.

Finalmente, Nonnenberg & Mendonça (1999), calculando a criação e o desvio de comércio no Mercosul para o caso dos produtores agrícolas, ressaltam que a criação de comércio superou amplamente o desvio do comércio, tanto individualmente quanto para o conjunto dos seis produtos analisados (trigo, algodão, arroz, bovinos, leite e milho).

6 CONCLUSÕES

A avicultura brasileira voltada para as exportações iniciou-se a partir da década de 1970, quando o setor - acompanhando o processo de modernização da agricultura - modificou sua base de produção, passando de uma atividade “do tipo colonial” para uma “atividade empresarial”, através da implantação de grandes empresas que se localizaram, sobretudo na região Sul. Durante as décadas de 1970 e 1980, mudanças importantes ocorreram nos aspectos tecnológicos, produtivos e operacionais da produção de aves. Como reflexo dessa modernização, a produção avícola nacional expandiu-se a taxas elevadas, incrementando a produção para o mercado interno e tornando o Brasil um dos maiores exportadores de aves. Na década de 1980, os esforços tecnológicos implicaram a capacidade de absorver inovações biotecnológicas na integração vertical e na diferenciação do produto.

A integração vertical contribuiu para o desenvolvimento da indústria avícola uma vez que induziu à rápida adoção de tecnologia para um melhor controle da matéria-prima, economias de escala, redução de custos e diminuição de riscos na atividade, conferindo maior competitividade ao produto brasileiro. Na cadeia de produção de aves, identifica-se um conjunto de ativos específicos que conferem vantagens competitivas à avicultura nacional. Entre esses, destacam-se os do tipo humano, como a realização de cortes especiais de aves para os mercados mais ricos da Ásia, e do tipo dedicada, como o processo islâmico de abate, o chamado *Halal*.

No Mercosul, a Argentina é o principal importador do frango brasileiro; as importações paraguaias são relativamente pequenas quando comparadas a outros mercados, e o mercado uruguaio apenas recentemente começou a importar o produto brasileiro, concentrando-se nos cortes de frango. Na análise da intensidade de comércio, os resultados da pesquisa demonstraram que, após a implementação do Mercosul, mais precisamente na sua fase inicial, caracterizada pela formação de uma zona de livre-comércio, ocorreu uma forte intensificação no comércio de frangos brasileiros, sobre-

tudo com a Argentina, principal importador. Após a implementação do Mercosul, o comércio de frangos entre os dois países deixou de se apresentar de forma esporádica e sazonal, passando a assumir um caráter firme e contínuo.

O comércio de frangos entre o Brasil e a Argentina apresentou-se de forma mais intensa ao longo dos três primeiros anos do acordo (1991 a 1993). A implementação do Plano Cavallo e o conseqüente aumento de renda da população argentina, obtido via redução da inflação, proporcionaram um incremento no consumo interno de frango. De fato, os resultados de pesquisa demonstram que o Índice de Intensidade de Comércio evoluiu de 7,04 em 1991 para um pico de 12,06 em 1993, ou seja, sofreu uma variação de 73,1% no seu valor.

Após os três primeiros anos da formação do bloco, tem ocorrido uma desaceleração no ritmo de intensidade de comércio entre os dois parceiros. Após 1993, o índice vem se reduzindo paulatinamente nos últimos anos, até atingir a marca de 7,9 pontos em 1997, representando uma tendência 35% inferior para o comércio bilateral de frangos em relação à observada no terceiro ano de vigência do acordo. Esse comportamento pode ser explicado pela reorientação dos processos tecnológicos ao longo da cadeia de produção de frangos argentina. A avicultura argentina tem observado importantes ganhos de produtividade, evidenciados pela melhoria de seus coeficientes técnicos, e também por um processo de incorporação tecnológica por parte de muitos frigoríficos, que passaram a utilizar meios automáticos de processamento. Outro fator que concorreu para a redução na intensidade de comércio foi o direcionamento das empresas brasileiras para o mercado interno, em virtude do incremento do consumo nacional induzido pelo Plano Real, além do incremento das exportações para terceiros mercados. Com relação ao Paraguai, os resultados sugerem haver uma tendência de um comércio de frango relativamente intenso entre os dois países. A exceção fica por conta do Uruguai, em cujo mercado o frango brasileiro apenas recentemente está penetrando.

Nos primeiros anos do acordo, o produto experimentou uma forte reorientação de mercado em direção à região. Em 1991, o Índice de Orientação Regional apresentou o valor de 7,7 e, nos anos subseqüentes, passou a assumir valores crescentes até atingir o pico de 79,5 pontos em 1993. Ocorreu, assim, uma variação de 932% na tendência para a orientação regional das exportações brasileiras de frango durante o período inicial da formação do bloco. A abertura das economias dos países-membros através da eliminação das barreiras ao comércio induziu a uma maior intensidade de comércio e a uma forte reorientação regional das exportações brasileiras de frango em direção aos demais parceiros do Mercosul, notadamente da Argentina.

Em períodos mais recentes, na medida em que ocorre um aprofundamento no processo de formação do bloco, observa-se um recuo nos valores do índice. Após atingir o valor máximo em 1993, o índice apresentou um forte recuo ao longo do triênio 1994-1996, até atingir o valor de 30,9 pontos em 1997, ou seja, uma variação negativa de 61% na tendência para a orientação regional das exportações brasileiras de frango.

Os altos valores obtidos para o Índice de Vantagens Comparativas Reveladas das exportações brasileiras de frango indicam que a avicultura brasileira é altamente competitiva quando se trata de terceiros mercados. O país apresenta uma forte capacidade de competir nos mercados em que não se observa qualquer acordo de comércio preferencial. A comparação direta entre os Índices de Orientação Regional e das Vantagens Comparativas Reveladas indica que o adicional de comércio de frangos no Mercosul ocorreu pela capacidade do Brasil para competir em terceiros mercados, e não pela substituição de ofertas mais eficientes. Nesse caso, pode-se concluir que a constituição do bloco econômico apresentou como benefício a criação de comércio de frangos, principalmente quando da constituição da zona de livre-comércio.

Diante do aprofundamento do processo de integração regional, podem-se identificar duas tendências para o comportamento do mercado de frangos:

1. A entrada de novos parceiros no bloco, como o Chile, a Bolívia e a Venezuela, e a maior abertura de seus mercados poderão induzir alguns efeitos, como economias de escala tornadas possíveis pelo acesso a mercados mais amplos. Tal fato poderá ampliar as exportações brasileiras pela intensificação do comércio, assim como o verificado no caso da Argentina. Por outro lado, a possibilidade de o Brasil aliar-se a outros blocos por meio de acordos de livre-comércio com países desenvolvidos (União Européia e Estados Unidos) através do Mercosul poderá facilitar a entrada do produto brasileiro nesses mercados dada a possível retirada de diversas barreiras protecionistas.
2. O aprofundamento no processo de integração. Nesse caso, a evolução do Mercosul, passando do atual estágio de união alfandegária para um mercado comum propriamente dito, poderá constituir-se em um novo desafio à avicultura nacional. A formação de um mercado comum entre os países pressupõe o estabelecimento da livre-circulação de pessoas, serviços e capitais, além da livre-circulação de bens entre os países-membros. A retirada das restrições aos movimentos de fatores produtivos poderá beneficiar a produção avícola argentina, visto que a Argentina possui vantagens comparativas na produção de soja e milho, insumos básicos para a produção de frangos, enquanto que o Brasil apresenta vantagens com relação à mão-de-obra. No caso da livre-circulação

de pessoas, as empresas avícolas poderão deslocar sua produção para a Argentina, onde estariam próximas da fonte de matéria-prima de menor custo.

Diante dessas possibilidades, alguns tipos de pesquisas futuras parecem ser relevantes:

- a) a realização de análises dos efeitos de entrada de novos parceiros no bloco sobre o mercado de frango, buscando identificar novos nichos de mercado ou novas tendências para o comércio;
- b) realização de estudos que avaliem as possibilidades de aliança do Brasil com outros blocos econômicos, visando identificar os custos e os benefícios desse procedimento sobre a cadeia produtiva de aves brasileiras, a fim de subsidiar a ação de empresas privadas e do governo na defesa de uma relação multilateral, ou na aposta de uma maior integração de mercados;
- c) em razão da possibilidade de uma maior participação dos países-membros no comércio intra e extrabloco de carnes, parecem ser relevantes estudos que investiguem o comportamento do comércio intrabloco de carnes ocorrido em função do Mercosul e que aprofundem a investigação dos efeitos do comércio intra-regional de carnes sobre os demais setores das economias dos países-membros, avaliando como esse processo afeta a geração de renda, de vendas, de empregos e de tributos nas diversas economias dos países formadores do bloco.

BIBLIOGRAFIA

- ABEF - Associação Brasileira de Exportadores de Frango. *O desempenho das exportações brasileiras de frango*. Relatório Abef 1996. Rio de Janeiro, 1997.
- BARTHOLOMEW, A. Na Analysis of the Impact of Argentine membership of Mercosur. *Economia Aplicada*.v.2, n.2, São Paulo, 1998.
- CANEVER, M. D. ; TALAMINI, D. J. D.; CAMPOS, A . C. ; SANTOS FILHO, J. L. ; GOMES, M. F. M. *Custos de produção do frango de corte no Brasil e Argentina*. Concórdia: Embrapa - CNPSA, 1996. 37 p (Embrapa-CNPSA. Doc. 39).
- CAMPOS, Renato R. Capacitação tecnológica, integração vertical e diferenciação: os elementos tecnológicos das estratégias de crescimento das empresas líderes na indústria brasileira de carnes. *Anais do XXIII Encontro Nacional de Economia*, v.2. Salvador: Anpec, 1995.
- FERREIRA FILHO, J.B.S. Uma análise de equilíbrio geral dos impactos da integração econômica no Cone Sul sobre a agricultura brasileira. Piracicaba, 1998. Tese (Livre-Docência). Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.

- FIBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário 1995*. Rio de Janeiro: IBGE, 1996.
- GARCIA, Alvaro Antônio Louzada. A agropecuária nacional e o Mercosul: uma avaliação preliminar. *Indicadores Econômicos*, FEE, Porto Alegre, v.20 4 p.15-180, 1993.
- IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - *Mercosul: custos e incidência tributária na produção agropecuária e agroindustrial*. Curitiba: IparDES, 1992. 63p.
- JANK, M. S. Organizações e estratégias nas exportações brasileiras de carnes. In: VIEIRA, W.; CARVALHO, F. *Mercosul: agronegócios e desenvolvimento econômico*. Viçosa: UFV, 1997. p.109 - 153.
- MIOR, Luiz C. Empresas agroalimentares e produção agrícola familiar: a diversidade de relações no complexo carnes em Santa Catarina. *Anais do XXI Congresso da Sober* p.618, 1982.
- NONNEMBERG, M.; MENDONÇA, M.J.C. Criação e desvio de comércio no Mercosul: o caso dos produtores agrícolas. Rio de Janeiro: Ipea/Dipes, 1999 (Texto para Discussão, 631).
- OLARREAGA, M.; SOLOAGA, I. *Endogenous tariff formation: the case of Mercosur*. World Trade Organization. Staff Working Paper ERAD-97-003. March, 1997. 33 p.
- WAQUIL, P.D. O setor de grãos e de oleaginosas no Mercosul. In: VIEIRA, W.; CARVALHO, F. *Mercosul: agronegócios e desenvolvimento econômico*. Viçosa: UFV, 1997. P.11 - 24.
- YEATS, Alexander. Does Mercosur's trade performance raise concerns about the effects of regional trade arrangements?, *Policy Research Working Paper*, n. 1729, World Bank, 1997.

SYNOPSIS

INTRA-MERCOSUL CHICKEN COMMERCE: INTENSITY, REGIONAL GUIDANCE AND COMPARATIVE ADVANTAGES

This article discusses the effects of the Mercosul formation on the Brazilian export of chicken within the market globalization and the formation of regional blocks. It approaches the competition aspects of the Brazilian aviculture in Mercosul and in the international market; it analyzes the intensity and the guidance of chicken commerce which occurred in view of the common market, as well as the revealed comparative advantages, investigating whether the integration process induced to the creation or to the diversion of chicken commerce.

SINOPSIS

COMERCIO INTRA-MERCOSUR DE POLLOS: INTENSIDAD, ORIENTACIÓN REGIONAL E VENTAJAS COMPARATIVAS

Este artículo discute los efectos de la formación del Mercosur sobre las exportaciones brasileñas de carne de pollo en el contexto de globalización y de formación de bloques regionales. Aborda aspectos de la competitividad de la avicultura brasileña en el Mercosur y en el mercado internacional, analiza la intensidad y la orientación del comercio de pollos ocurrida en función del mercado común, así como las ventajas comparativas reveladas, investigando si el proceso de integración indució la creación o el desvío de comercio de pollos.